

INFLUÊNCIAS MERIDIONAIS NA CULTURA CASTREJA

Por Carlos Alberto Ferreira de Almeida

O tema — influências meridionais na cultura castreja — merece ser abordado frontalmente, embora seja muito vasto, intrincado, e erigido de enormes dificuldades. Por um lado, os castrejos, dada a forte personalidade da sua cultura, transformaram sempre as influências recebidas, inclusive as halstáticas, e por outro lado, embora uma série de impressões nos indiquem que muitos aspectos da cultura castreja têm antecedentes explicativos no Centro e no Sul de Portugal, temos de confessar que nestas zonas pouco se tem escavado relativamente à Idade do Ferro. E contudo uma série de indícios, que a seguir vamos enumerar e cuja concordância parece altamente elucidativa, garante-nos que nas formas culturais castrejas da zona de Entre Vouga e Minho as influências vindas do Sul, mormente as chegadas de sudeste, pelas zonas das Beiras, tiveram capital importância.

A civilização castreja não é uma cultura isolada, como tem acentuado o Prof. Maluquer de Motes¹, fechada sobre si, mas antes uma personalizada área cultural que transforma e se apropria das influências chegadas.

¹ J. Maluquer de Motes, *La Originalidad De La Cultura Castreña*, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», vol. XXII, Porto 1974, págs. 335-336.

Já na época anterior, no Bronze Final, a zona esteve aberta a influxos tartéssicos. Também Maluquer de Motes tem insistido neste assunto e, não há muito, sobre ele escrevia²: «gracias a las constantes relaciones atlánticas y continentales que abocaron a la formación del fran foco metalúrgico del noroeste». Os volumosos e numerosos tesouros de bronze aparecidos pela região ainda que sejam o reflexo de uma crise na procura, são a garantia de uma importante actividade metalúrgica e a cerâmica, tipo «Penha», que se vai descobrindo por toda esta zona³, no estilo decorativo riquíssimo, metopado, com semelhanças nos temas decorativos e na disposição à cerâmica de Carambolo⁴ e de outras zonas do Sul confirma e garante um notável florescimento cultural do Bronze Final, nesta região, com impulsos tartéssicos.

Infelizmente ainda não pudemos conhecer, em níveis estratificados de povoados, os vestígios desta época.

A cultura castreja estende-se pela zona atlântica, húmida, do Noroeste peninsular. Como limites, a leste, F. Cuevillas falou⁵ no rio Návía, na zona de Bierzo, nos rios Tuela e Tua. Julgamos defensável esta delimitação embora todos reconheçamos que as áreas culturais não podem ser definidas por linhas mas antes por manchas, mais ou menos largas, zonas de transição cultural acelerada.

² J. Maluquer de Motes, *Orfebrería De La España Antigua*, in «Minería Hispana Iberoamérica, vol. I, León, 1970, pág. 60. Nós colocámos em maior relevo as influências meridionais e as de sudoeste.

³ Cerâmica em tudo semelhante à da Penha apareceu em Gándara (Esposende). Cerâmica do mesmo nível técnico e do mesmo gosto decorativo conhece-se não só na zona de Chaves (tipo Mairos) e Orense mas também nas zonas do Douro.

⁴ J. M. Carriazo, *Tartessos y El Carambolo*, Madrid, 1973, figs. 331 e 334. Embora não conheçamos fragmentos do tipo Penha que fossem pintados há sem dúvida, muitos aspectos condizentes na organização e nos temas decorativos.

⁵ F. Lopez Cuevillas, *La Edad Del Hierro En El Noroeste*, Madrid, 1954, págs. 14-16.

A Sul, porém, temos de concordar que o Rio Douro não é limite. Os castros de Romariz (Feira) e o de Cárcoda (Beira Alta) obrigam a deslocar este limite para a bacia, norte, do rio Vouga⁶.

Dentro deste espaço, a cultura pré-romana do Ferro não é absolutamente uniforme. A cerâmica e mesmo alguns aspectos arquitectónicos de castros da província da Corunha são algo diferentes do que encontramos em citânias portuguesas. Pelo menos a cerâmica e a grande escultura antropomórfica⁷ revelam, perfeitamente, que há na cultura castreja duas grandes áreas, civilizacionalmente algo distintas: a zona-sul que vai desde a bacia do rio Minho até ao vale do rio Vouga e outra que fica para Norte. Na primeira fica abrangida a área de Orense cuja cerâmica e escultura é mais semelhante à dos povos brácaros que à da zona de Compostela⁸ ou Corunha, embora de nível técnico idêntico.

⁶ Estes dois castros, com suas casas redondas, algumas com vestibulos, com cerâmica do mesmo gosto, e técnica da castreja, aconselham esta delimitação. Na zona pouco se tem escavado. Parece-nos que a região da Guarda deverá oferecer, «arqueologicamente», aspectos castrejos.

⁷ Para Norte da bacia do Minho não se encontrou ainda qualquer escultura castreja de guerreiros. As quinze que se conhecem apareceram desde Orense até à Guarda. São, por isso, um bom motivo para a individualização desta sub-área castreja.

⁸ Evidentemente que nesta comparação devíamos ter uma perspectiva sincrónica, comparar coisas da mesma época, pelo que necessitávamos de conhecer a diacronia da cerâmica e de outros fenómenos desta civilização — o que nos falta. Por isso hesitamos em alegar o problema das espadas. Para Norte do rio Minho a pos-halstática, de antenas, é frequente, parecendo manter-se até uma época tardia. Para Sul do referido rio temos um tipo afalcatado ou de folha triangular, curta. Confera o mapa 15 de W. Schule, *Die Meseta — Kulturen Des Iberischen Halbinsel*, t. II, Berlim, 1969. Mas nesta zona deve ter estado bem divulgado tal tipo de espada, tanto mais que se conhece no Sul, por exemplo, em Alcácer do Sal.

Também a arquitectura dos monumentos com «forno» garante esta divisão cultural⁹.

É com os olhos nesta subárea cultural castreja, onde em época pós-romana se falou o dialecto minhoto, que vamos focar o nosso tema. As sugestões que vamos apresentar parecem indicar que grande parte das particularidades individualizantes desta zona meridional castreja vêm, sobretudo, de mais íntimos contactos vindos do Sul e da zona de Ávila e Estremadura¹⁰. Também a cultura do ferro da Meseta-Douro exerceu a sua influência até porque penetrou largamente no nordeste de Portugal, em Trás-os-Montes, reduzindo mesmo a área tipicamente castreja. Por este e outros motivos discordo de um esquema elaborado por um dos nossos melhores e mais sistemáticos estudiosos dos problemas dos castros, Coronel Mário Cardoso¹¹, que fala em áreas de irradiação cultural castreja. A cultura dos castros não foi expansiva, antes pelo contrário.¹²

Diversos autores falaram já em influências meridionais em fenómenos da cultura castreja. A mais sistemática e aprofundada contribuição deve-se ao Prof. Blanco Freijeiro que acentuou¹³ quanto algumas formas e técnicas da ourivesaria castreja devem a influxos vindos do Mediterrâneo. Achados últimos, como por exemplo, o tesouro de Ébora

⁹ Carlos Alberto F. de Almeida, *O Monumento Com Forno de Sanfins*, «Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia», vol. I, Porto, 1974, pág. 164.

¹⁰ Os caminhos continentais, ligando esta região ao Sul pela zona das Beiras, parecem mais importantes que a via marítima. Entre indícios, veja-se por exemplo, o mapa da distribuição dos jarros tartéssicos, apresentado por Garcia y Bellido, *Los Bronces Tartessicos*, in «Tartessos Y Sus Problemas», Barcelona, 1969, fig. 8.

¹¹ Mário Cardoso, *La Cultura Des Castros Du Nord Du Portugal*, in «Trabalhos De Antropologia e Etnologia», t. XXXII, cit., pág. 262.

¹² Tem na verdade muitas características residuais.

¹³ A. Blanco Freijeiro — *Origen Y Relaciones De La Orfebreria Castreña*, in «Cuadernos De Estudios Gallegos», t. XII, 1957, págs. 267-301.

(Cádiz) ¹⁴ confirmam essas conclusões. Mas um estudo mais exaustivo ampliaria o número desses influxos. No bracelete de Lebução notamos que além das «gregas», bem delineadas, as quais o ourives poderia ter copiado de um vaso grego ¹⁵, há duas séries de motivos circulares, cortados a meio, apoiados ou dependurados em faixas horizontais, estilo decorativo bem típico da cerâmica ibérica. Supomos ainda, sugestão já expressa por Cuevillas ¹⁶, que a dupla escócia, o mais frequente remate dos torques da zona, é de origem meridional, bem como a decoração que aparece na cabeça de alguns ¹⁷.

A estatuária dos guerreiros galaico-minhotos, uma das mais peculiares notas desta sub-área castreja, é outro exemplo onde descobrimos motivadoras influências meridionais.

Ela está cheia de recordações da escultura ibérica, mormente, da dos guerreiros. As grandes diferenças que as separam, sobretudo o tamanho, podem explicar-se pela diversidade de motivação. As estátuas castrejas, grandes e solenes, todas com a espada embainhada, não parecem ser ex-votos mas antes consagração de chefes ou guerreiros mortos. De resto a cabeça de guerreiro aparecida na Guarda ajuda a definir o caminho destes contágios culturais. julgamos que poderemos aduzir, embora hipoteticamente, um

¹⁴ J. de M. Carriazo, *El Tesoro Y Las Primeras Excavaciones De Eborá*, Madrid, 1970.

¹⁵ A cerâmica grega não é frequente nesta zona. Conhecemos somente três pequenos fragmentos, aparecidos no castro do Monte de Faria. Há porém testemunho de moedas gregas em Gondomar e na Serra do Pilar (Porto).

¹⁶ F. Lopez Cuevillas, *Las Joyas Castreñas*, Madrid, 1951, pág. 94.

¹⁷ Temas decorativos como aqueles que vemos na cabeça dos torques de S. Tecla e no de Vila Flor, encontrámo-los, anteriormente, em cerâmica grega. Devemos também considerar como meridional a ornamentação em triângulo, tão frequente na ourivesaria fenícia: Cfr. Maxwell-Hyslop, *Western Asiatic Jewellery*, Londres, 1971, pág. 116.

exemplo de estátua¹⁸ onde, palpavelmente, vemos estas influências. Trata-se de uma pequena escultura que Mário Cardoso¹⁹ descreve como «busto de uma figura votiva, em granito, toucada com um manto e com as mãos em atitude de orante ou segurando uma pequena urna, mal definida. Tem carácter arcaico, pré-romano e assemelha-se pela posição das mãos, às conhecidas figuras de oferente, aparecidas em Cerro de los Santos. Mede 57 cm de altura. Veio da freguesia de Gonça adquirida por Martins Sarmiento em Abril de 1888».

As armas da área castreja portuguesa, conhecidas, à excepção do punhal de Caldelas²⁰, reportam-se à mesma origem.

O capacete aparecido em Lanhoso, da época de La Tène II e de fabrico itálico, que Carlos Teixeira publicou²¹, é classificável entre o tipo de Anfreville, ainda bastante esguio e os aparecidos na necrópole de Las Cortes, Ampúrias, nas sepulturas n.ºs 7, 31 e 110^{21 a} que datam de 200 a 100 a. C. O capacete de Lanhoso é muito semelhante a um exemplar aparecido em Maiorca, no povoado talaiótico de Les Païses^{21 b}, datado dos sécs. III a II a. C. e a outro de Aléria, Córsega, encontrado em sepultura que terá sido feita entre 350-330 a. C.^{21 c}.

¹⁸ A antiguidade pré-romana desta escultura não está ainda absolutamente garantida. Parece muito plausível considerá-la como esboço de estátua religiosa cristã, da época moderna.

¹⁹ Mário Cardoso, *Catálogo do Museu de Martins Sarmiento, Secção de Epigrafia e de Escultura Antiga*, Guimarães, 1972, pág. 157.

²⁰ Mário Cardoso, *Um novo tipo de espada curta de guerreiros galaicos*, in «*Arquivo do Alto Minho*», vol. II, Braga, 1947.

²¹ Carlos Teixeira, *O Castro de Lanhoso e o seu espólio*, «*Congresso do Mundo Português*», vol. I, Lisboa, 1940, págs. 517-529.

^{21 a} M. Almagro, *Las Necrópolis de Ampúrias*, t. I, Barcelona, 1953, pág. 261.

^{21 b} G. Lilliu, *Informe Sobre la IV Campaña de Excavaciones en Ses Païses*, «*Noticiário Arq. Hispánico*», t. VII, Madrid, 1965, pág. 118.

^{21 c} Jean e L. Jehasse, *La Nécropole Préromaine De. Aléria*, Paris, 1973, Lám. 156.

A chegada do capacete de Lanhoso pelo Sul é mais que provável tanto mais que exemplares como os de Vaia-monte e de Aljezur ajudam a preencher o caminho. O capacete arredondado como o que mostra a estátua de guerreiro galaico de Sanfins é da mesma origem mas poderá datar já da época romana pré-augústea.

O escudo redondo, côncavo, que vemos em todas as estátuas de guerreiros minhotos é semelhante ao dos lusitanos²² que geográfica e até culturalmente se interpunham entre os castrejos e povos iberizados. Este escudo redondo e côncavo encontramos-lo representado em época anterior na Meseta e até no Alentejo²³.

A bainha da espada que estes guerreiros mostram, representada, termina em saliência arredondada, tem habitualmente duas presilhas (Est. I, 2), e é comparável a algumas da estatuária de bronze, votiva, dos santuários ibéricos²⁴, embora se possa também comparar à dos punhais curtos de folha triangular da Meseta²⁵. Algumas estátuas mostram uma bainha ligeiramente arqueada²⁶ própria para espada de tipo afalcatado. Outras, porém, têm a bainha direita como de resto se vê também nos bronzes de guerreiros ibéricos mas com o punho terminado sempre de forma arredondada, assemelhando-se ao rebordo típico das falcatas e nunca em antenas (Est. I, 2). Se estes punhais se podem comparar a alguns da Meseta, tanto mais que são agarrados

²² Garcia Y Bellido, *España Y Los Españoles Hace Dos Mil Años*, Madrid, 1968, pág. 119.

²³ Manuela Alves Dias e Luís Coelho, *Notável Lápide Proto-histórica da Herdade de Abóbada, Almodôvar*, «O Arqueólogo Português», vol. V, Lisboa, 1971, pág. 187. Supomos que o petróglifo do castro de Penafidelis (Est. I, 1) se poderá comparar com a gravura de Almodôvar e, por isso, se possa datar de uma época pouco posterior.

²⁴ G. Nicolini, *Les Bronzes Figurés Des Sanctuaires Ibériques*, Paris, 1969, págs. 171-175.

²⁵ W. Schüle, *op. cit.*, t. II, Lám. I.

²⁶ Por exemplo uma de Montalegre, hoje no Museu de Belém.

com a folha para trás²⁷, cremos com maiores possibilidades o confronto com as espadas afalcatadas do Centro. Nem admira. A arqueologia documenta este tipo de espada em níveis castrejos. Na Citânia de Sanfins apareceram já três exemplares de ferro²⁸, muito mal conservados, cujo estudo tipológico é, por isso, difícil. Um exemplar tem alvado para cabo de madeira e outro um espigão de empunhadura cuja forma desconhecemos. No Castro de Cárcoda, S. Pedro do Sul, estação que, pelas suas casas redondas e pelos seus bairros, é idêntica a qualquer castro de Entre Douro e Minho, encontraram-se dois exemplares de ferro, mal conservados, mas com o rebordo no punho, próximos, por isso, dos protótipos ibéricos. Não longe desta localidade há uma grande laje, com insculturas, representando diversas armas e entre elas algumas falcatas²⁹.

Na cerâmica castreja temos também alguns sintomas explicáveis por influências. O «estilo rico» que vemos na cerâmica do tipo Penha, contemporânea do Bronze Final, na sua decoração barroca e metopada, lembra bem padrões decorativos que presenciamos em cerâmica meridional, por exemplo, em Carambolo³⁰.

Uma das formas mais típicas da olaria castreja é um vaso acampanado, que imita o tipo de vasilha de prata que encontramos em Chão de Lamas, em Tivisa, etc., cuja origem meridional parece certa. É um tipo de vaso, sem asa, mas muito cuidado. Foi dentro de um vaso deste estilo que apare-

²⁷ Isto parece indicar que estes guerreiros lutavam corpo a corpo, cravando o punhal de cima para baixo. Mas pode ser isto um simples cânon escultórico. Assim era mais fácil a representação iconográfica.

²⁸ Publicados por Afonso do Paço.

²⁹ Em Molelinhos (Tondela). Cfr. gravuras em M. Farinha dos Santos, *Pré-história de Portugal*, Lisboa, 1972, pág. 128.

³⁰ Ver nota 4.

Há também nesta zona castreja cerâmica escura, com decoração brunida, mas é mais tardia e com formas mais evoluídas que a Idade do Ferro do Sul da Península.

ceram as arrecadas de Briteiros³¹ e as de Laúndos estavam dentro de vasilha semelhante³². Podemos ainda considerar outros aspectos ceramológicos. Há um tipo de asa, torsa, que tem aparecido em alguns dos nossos castros, forma de asa que encontramos em alguma cerâmica ibérica, por exemplo, da Liria. Em um dos exemplos que ilustramos (Est. II, 3), de Briteiros, mostra-se, na parte superior, uma saliência em duplo cone que parece inspirar-se em ornatos semelhantes de jarros de bronze pré-romanos.

Sobre a cerâmica pintada castreja diremos que, se não nos revela, nos temas, uma nítida influência meridional, reflecte, pelo menos, um gosto afim de uma ambiência cultural que directa ou indirectamente lhe deveremos. A existência de louça castreja pintada é indiscutível³³ embora a cor escura e a impureza das pastas, típicas dos seus vasos, não tenha favorecido tal moda decorativa. Mesmo assim o cântaro, pintado, de Briteiros (Est. II, 2), e os exemplares, mais importantes, de Guifões, Matosinhos, testemunham esse gosto. Ilustramos (Est. II, 1) um pormenor de um destes últimos vasos, de boca larga, com asas politoreadas, à semelhança das asas metálicas dos jarros de ambiência tartéssica, rematando os toros externos, sobre a pança, em cabeça de serpente. Parecem ter sido encontrados em câmara funerária³⁴. Pelo tipo de asa, pelos temas decorativos, colocados metopadamente, pelos ornatos das cabeças de serpente, em relevo, parece que estamos na presença de cerâmica pré-romana, embora a rebarba ondulada que vemos sob o bordo do vaso só a encontremos, nesta região, nas cerâmicas tardo-romanas e visigóticas. O vaso de Briteiros é, pela sua forma e pelo seu pé, pré-romano bem como pelo seu tipo de decoração.

³¹ Mário Cardoso, *Oitânia e Sabroso*, Guimarães, 1971, pág. 54.

³² Ricardo Severo, *As Arrecadas de Ouro do Castro de Laúndos*, «Portugalia», t. II, pág. 404.

³³ X. Lorenzo Fernández, *Cerâmicas Castrejas Pintadas*, «Revista de Guimarães», vol. 66, 1956, págs. 125-132.

³⁴ J. Neves dos Santos, *Serpentes Geminadas em Suástica e Figurações Serpentiformes do Castro de Guifões*, «Lucerna», vol. III, Porto, 1963, págs. 138-139.

Os escudetes que vemos na ornamentação do capacete de Lanhoso, e que encontramos na decoração da cerâmica de Sabroso, Sendim (Felgueiras), Castro Máximo (Braga) e ainda em cerâmica do castro de Baiões (Beira Alta) ³⁵ são a versão negativa dos triângulos, ornados com grânulos, que encontramos e devemos à ourivesaria da influência meridional.

Uma placa de bronze, ao que parece de um cinturão, aparecida em Briteiros, tem paralelos exactos em Santa Tecla, onde terá aparecido um molde, em Trôna e em Arganil ³⁶. Ultimamente apareceu placa idêntica no castro de Padrão, Setúbal ³⁷. O molde destas placas, aparecido em S. Tecla, parece sugerir que este tipo de cinturões, com círculos encadeados, teve uma iteneração de Norte para Sul. A miscogenação cultural é sempre assim. Nunca se dá exclusivamente para um só lado.

Poderíamos ainda lembrar outros elementos como as contas de colar de âmbar de Sanfins, bitroncocónicas, com paralelos no Sul e outras, da mesma estação, de vidro, azul turquesa, de olhos esbranquiçados, com paralelos exactos no tesouro do Gaio (Lins) e no Mediterrâneo Ocidental.

Creio que podemos ainda suspeitar, com bons fundamentos, que os contágios halstáticos e, embora menos numerosas, as influências laténicas, chegaram à zona do Noroeste português vindas, sobretudo, do Sul.

Não há dúvida de que o território português mais halstatizado é o da bacia do Tejo. As necrópoles de Alpiarça e de Alcácer do Sal bem o mostram.

³⁵ O Snr. Padre Celso Tavares acaba de revelar este interessantíssimo castro, com cerâmica de grande importância.

³⁶ J. Castro Nunes, *Novos elementos para o estudo da arte castreja*, «Revista de Guimarães», vol. LXVIII, 1958, págs. 323-335.

³⁷ Joaquim Soares e C. Tavares da Silva, *Ocupação do Período Proto-Romano do Povoado do Pedrão*, (Setúbal), «Actas das II Jornadas Arqueológicas», vol. I, Lisboa, 1973, págs. 274-275.

Nada de semelhante, tão halstatiano, encontramos no Norte de Portugal. Está também fora de dúvida de que as zonas portuguesas mais celticizadas, onde encontramos certa densidade de objectos laténicos, são o Centro, e o Alentejo. A onomástica dos lusitanos estudada por Lambrino³⁸ também o sugere. A única fíbula laténica que conhecemos aparecida a Norte do Douro é do castro de Alobre (Vila Garcia) e pode ter vindo por mar³⁹. Assim, mesmo grande parte das influências centro-europeias devem ter chegado a esta zona meridional da cultura castreja, em movimento de ressaca, vindas do Sul. Se não for já da época romana pré-augustea este é o caminho por onde deve ter chegado um escudo laténico cujo umbo, de bronze (Est. I, 3), apareceu no castro de Alvarelhos e, inédito, se conserva no museu de Santo Tirso.

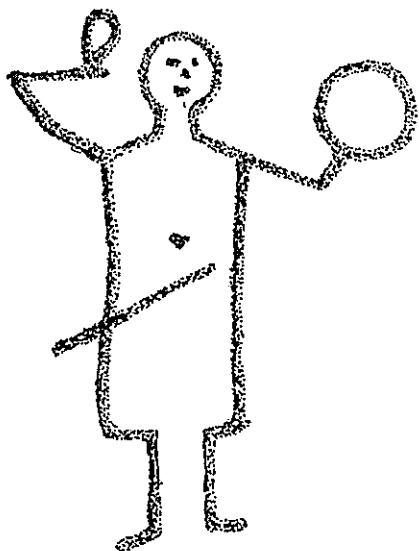
Este género de umbo⁴⁰ é típico da época de La Tène II, embora possa perdurar até plena época republicana, romana. A parte restante do escudo era, habitualmente, de matéria perecível, madeira ou materiais entrançados, e, por isso, desapareceu. Assinale-se que estes umbos são, geralmente, em ferro.

³⁸ S. Lambrino, *Les Lusitaniens*, in «Euphrosyne», vol. I, Lisboa, 1957, págs. 117-145.

³⁹ Bouza-Brey, *O Castro de Alobre, e os Contactos entre a Bretaña e a Galiza*, «Homaxe a Florentino Cuevillas», Vigo, 1957, págs. 83-84.

⁴⁰ Não faltam testemunhos de umbos deste género. Cfr. Martin Almagro, *Las Necrópolis de Ampúrias*, t. I, Barcelona, 1953, pág. 261; J. Ralph Collis, *Burials with Weapons in Iron Age Britain*, «Germania», ano 51, Berlim, 1973, págs. 121-133; Cabré Aguiló, *La Caetra y el Scutum en Hispania durante la Segunda Edad del Hierro*, «B. S. E. A. A.», t. VI, CValladolid, 1940, págs. 57-84 e Lám. XIX.

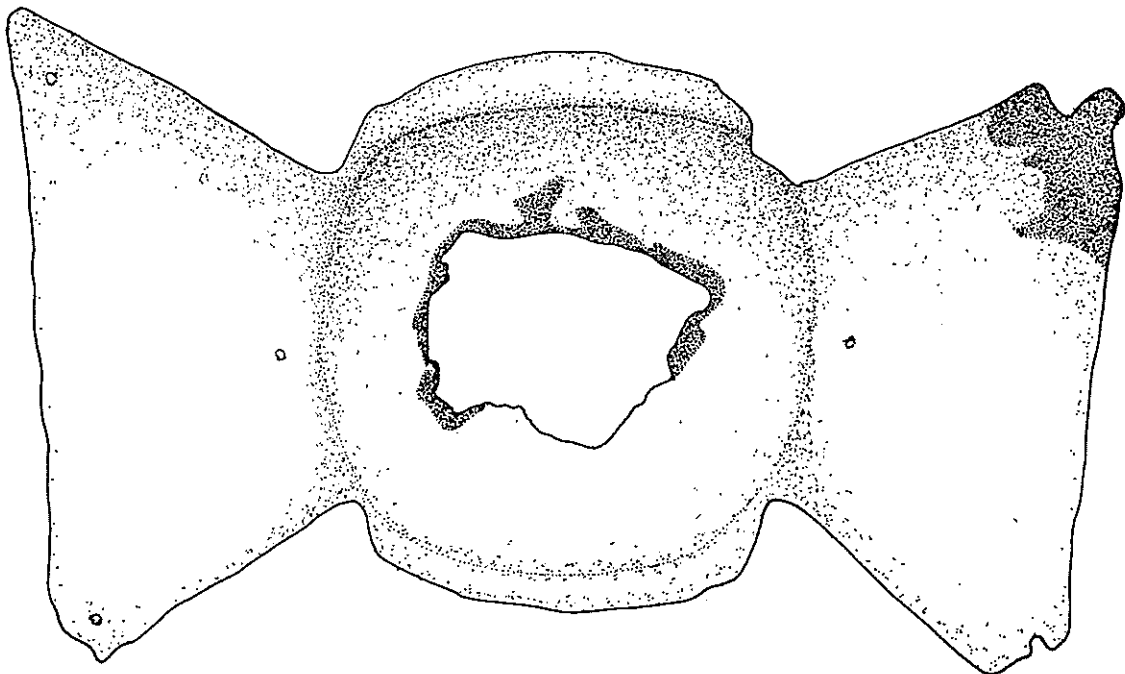




1 — Inscultura de guerreiro do Castro de Penafidelis (segundo S. Pinto e D. de Pinho Brandão)

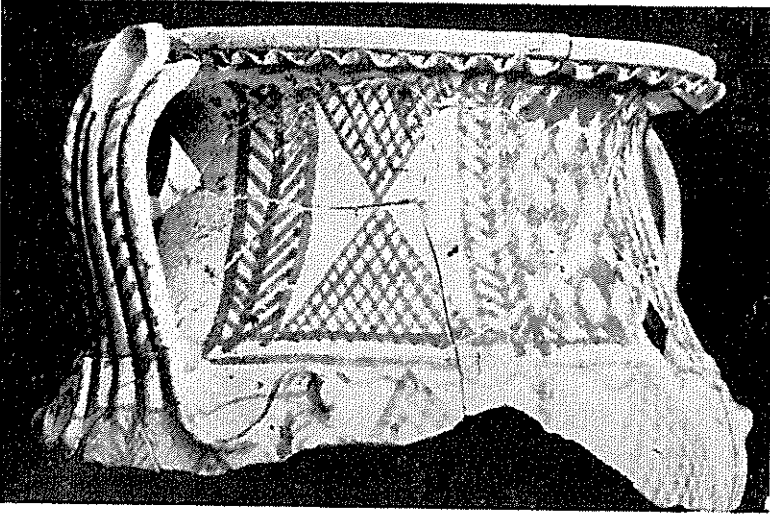


2 — Pormenor da bainha do guerreiro de S. Ovídio (Fafe)

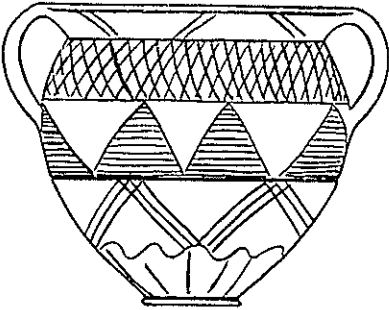


3 — Umbo de escudo laténico do Castro de Alvarelhos (S. Tirso)



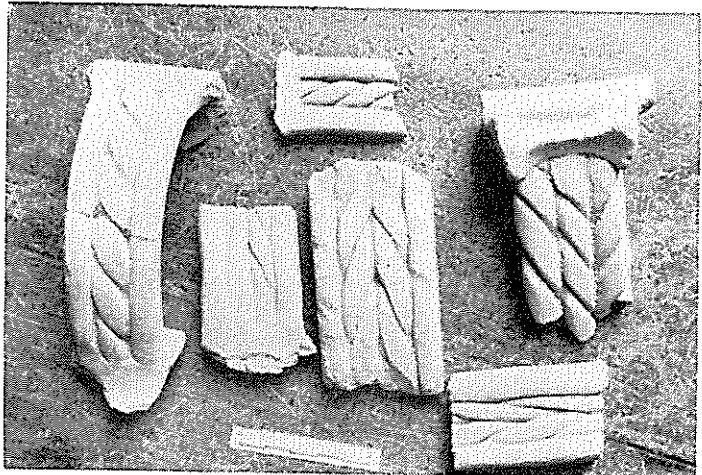


1 — Vaso pintado, pré-romano, de Guifões (seg. J. Neves dos Santos)



2 — Vaso pintado, castrejo, de Briteiros
(segundo Mário Cardoso)

3 — Asas torsas, castrejas, de Briteiros.



1. The first part of the document is a list of names and titles, including "The Hon. Mr. Justice" and "The Hon. Mr. Justice".